

VENTOS DO APOCALIPSE: CONEXÕES ENTRE A GUERRA E A ESPERANÇA

Alexsandra Machado (UFF/UNISUAM) ¹

RESUMO: Paulina Chiziane, em "**Ventos do Apocalipse**", resgata o passado, traz à tona um cenário de guerras, de destruições, de sofrimentos, de humilhações, de morte e de ódio. Revela um conflito entre a tradição e a modernidade. Dois povos: os *manangas* e os *macuácuas* lutam, brigam e suas identidades tornam-se inexpressivas. Esta é a narrativa que a autora aborda: povos que não possuem, sequer, um "lugar-comum", representantes da total degradação do ser humano. No entanto, estes não perdem a esperança, acreditam em um novo amanhã, ultrapassam obstáculos geográficos e históricos a fim de buscar a pátria oprimida e esquecida; reconstruindo e reencontrando suas identidades culturais e nacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Ventos – guerra – destruição- esperança.

Este trabalho tem como objetivo analisar a questão da guerra como fator predominante para a transformação e a modificação em sociedades pós-coloniais, como é o caso de Moçambique. Nesse caso específico, a guerra surge como pano de fundo para apresentar uma sociedade que se modifica a partir da destruição, passa por um processo de rupturas no qual a sociedade desfragmenta-se. O romance da escritora Paulina Chiziane *Ventos do Apocalipse*, tem como pano de fundo a guerrilha e, principalmente, um cenário dantesco em que encontramos guerra, destruição, miséria, sofrimento, humilhação, ódio, superstição e morte.

A autora usa palavras fortes, cruas, incisivas, dilacerantes e delirantes, trazendo à tona um universo que circula entre a própria História e a Ficção, construindo uma narrativa em que o realismo interage com as descrições deste palco apocalíptico no qual a guerra mais aberrante será, talvez, a de dois povos, os *mananga* e os *macuácua*, colocados entre dois fogos e não sabendo quem os defende e quem os ataca.

Paulina Chiziane é uma contadora nata de histórias. Consegue levar-nos ao âmago do mais baixo dos mais baixos degraus de degradação do ser humano. Com ela percorremos as vinte e uma noites de pesadelo e tormentos que foi o êxodo dos sobreviventes de uma aldeia. Esta obra remonta o período da guerra civil, demonstrando a crueldade e as consequências deste conflito para as populações locais, de forma explícita, a literatura que surge a partir desse momento, emprende a literatura moçambicana escrita, formando o chamado primeiro paradigma (SECCO, 1988:17), a literatura produzida entre 1880 e 1936 é caracterizada por uma forte influência européia.

¹ UFF – Universidade Federal Fluminense
UNISUAM- Centro Universitário Augusto Motta.

No início do século XX, apareceram os jornais *O Africano* e *O Brado Africano* nos quais foram publicados textos e poemas que valorizavam a terra africana. Entretanto, mesmo com o louvor à África, imitavam-se os padrões europeus; pois ainda não aparecia nos textos literários a consciência do tratamento discriminatório imposto pelos portugueses à população africana. Essa consciência apareceu no segundo momento da literatura moçambicana, entre 1945 e 1964, que teve como característica a denúncia do racismo, da exploração do negro e do próprio colonialismo. Com o afastamento dos modelos literários portugueses, emergiu uma demanda pelas raízes africanas. A publicação “*Coleção Prosadores de Moçambique*” foi a primeira tentativa de identificar a “moçambicanidade.” (SECCO, 1988:17)

É uma poética vibrante, de forte impacto social, que procura as raízes profundas do ser africano. Entretanto, a identidade aí resgatada por alguns poetas se faz mítica, uma vez que o negro se apresenta idealmente concebido. Recusando a máscara branca que foi imposta pelos portugueses aos moçambicanos, alguns desses poetas buscavam apenas a face negra oprimida, sem perceberem ser impossível, após o encontro de múltiplas culturas no decorrer da história de Moçambique, resgatá-la em sua pureza original. A “moçambicanidade” propalada era, por tais razões, um conceito, na verdade, também imaginado.

Do início da década de 1960 até 1978, uma literatura vinculada diretamente ao contexto histórico moçambicano ampliou a fase da “moçambicanidade” e da negritude. Moçambique passou por um longo processo de guerras internas por sua independência. Segundo Pedro Satier, (SATIER, 1997: 30)

em 1962, Eduardo Mondlane funda a FRELIMO, Frente de Libertação de Moçambique, líder da luta contra o colonialismo português. Em 25 de junho de 1975, sob a presidência de Samora Machel, o país torna-se independente e inicia um regime de definição socialista que foi imediatamente minado pela guerrilha da RENAMO, sustentada pela África do Sul. Em 1986, morre Machel em dúvida acidente de avião, sendo substituído pelo chanceler Joaquim Chissano; o partido adota gradualmente a economia de mercado. Em 1990, Chissano anuncia uma nova Constituição, que consagra as mudanças e separa a FRELIMO do Estado. A 4 de outubro de 1992 é assinado o Tratado de Paz com a RENAMO, sob o patrocínio da ONU e do governo italiano, em Roma.

Entre os anos de 1964 e 1978, despontou uma poética guerrilheira e engajada, fazendo eclodir a terceira fase da literatura moçambicana. É uma poesia do “nós coletivo” que exaltava a ideologia libertária, a necessidade da ruptura com o colonialismo português, pregando a luta pela independência da nação moçambicana. Durante os anos 1960 e 1970, a literatura tornou-se instrumento de politização do povo. Após a independência, houve uma tentativa de reconstrução nacional; mas divergências entre a FRELIMO e a RENAMO desencadearam novos conflitos, provocando uma longa guerra que durou até 1992. Foi durante esse período que nasceu o quarto momento da literatura moçambicana. Era necessária uma literatura que representasse uma tendência não mais revolucionária ou panfletária, mas que apresentasse a busca de condições humanas universais, os sentimentos calados pela guerra. Como alerta o poeta Luís Patraquim: (SECCO, 1998: 29-33) “*As pessoas demitiram-se de si mesmas. E é preciso de novo cantar o amor!*”

Acreditando na promessa de novos portos e, também, na pulsação dos sonhos, [...] a atual poesia moçambicana busca redefinir a identidade do país, reconhecendo-a mestiça e plural. Como navegantes à deriva, vários poetas assumem, então, a consciência da “pátria dividida” e mergulham seus versos em direção às origens tentando recuperar, através das correntes subterrâneas da memória, os destroços do passado submerso.

Nesse contexto pós-independência, surge Paulina Chiziane que inicia sua atividade literária em 1984, quando publica vários contos no jornal “*Domingo*” e no semanário “*Tempos*”. Em 1990, publica o livro *Balada de amor ao vento* no qual faz uma viagem pelos valores tradicionais moçambicanos, apresentando-os a partir de um olhar feminino representado pela personagem Sarnau. Paulina Chiziane tem procurado revelar os sentimentos do povo moçambicano, as particularidades de sua cultura e da História de seu país. Entretanto, a própria escritora afirma que encontrou obstáculos ao longo de sua carreira, conforme demonstra em uma entrevista quando questionada sobre como a sociedade recebeu o seu primeiro livro:

Primeiro com cepticismo e muito desprezo por parte dos homens. Muitas pessoas acreditavam e ainda acreditam que a mulher não é capaz de escrever mais do que poeminhas de amor e cantigas de embalar. Consideraram-me uma mulher frustrada, desesperada, destituída de razão. Foi um momento terrível para mim. Mas, por outro lado estas atitudes tiveram um efeito positivo porque forçaram-me a demonstrar pela prática que as mulheres podem escrever e escrevem bem. Do período que vai da publicação do livro até a sua publicação (1990), entrei em contato com homens de diversas instituições e que não me ajudaram em nada ou ajudaram muito pouco. Contudo, quase todos eles não se esqueceram de fazer-me propostas sexuais, convites de jantar, como condição necessária para a ajuda de que tanto necessitava. Mais tarde entrei na Associação de Escritores. Mesmo ali a minha integração como mulher não se fez sem esforços”.²

Mesmo tendo a noção de todos os preconceitos que enfrentaria devido à sua condição feminina, Paulina Chiziane se consagra. Recusa o rótulo de romancista, definindo-se apenas como uma simples contadora de histórias, inspirada por antigas narrativas, ouvidas na infância e na adolescência dos mais velhos ao redor das fogueiras. Apresentando o universo feminino, a escritora faz com que surja uma voz forte e denunciadora, expondo para que todos conheçam personalidades femininas que são meigas e dóceis, mas que, ao mesmo tempo, são capazes de lutar por um lugar na sociedade, ao ultrapassar seus próprios limites e transformar sua realidade. Através deste percurso, Paulina contrapõe certos valores tribais às diretrizes urbanas e modernas, demonstrando a relação existente entre o passado e o presente. De forma clara, apresenta marcas da tradição e, contraditoriamente, da modernidade com a finalidade de exprimir a realidade moçambicana. Nesse sentido, a memória surge como resultado desta tensão segundo Myriam Sepúlveda dos Santos (SANTOS, 2000: 85)

[...] a memória não é um conjunto de práticas, sentimentos e percepções relacionadas ao passado que possam ser compreendidas fora do contínuo

² Entrevista retirada da Internet.

da história, pois a forma como percebemos e nos lembramos do passado sofre influência do tempo histórico em que nos inserimos.³

Em 1995, Paulina Chiziane publica o romance *Ventos do Apocalipse* no qual retrata a guerra, a destruição, a miséria, o sofrimento, a humilhação de um povo que passa por um período de turbulências. Os manangas e os macuácuas entram em guerra, sem saber o porquê, quem os defendem, quem os atacam, formando um conjunto de indivíduos que pertencem a mesma nação, mas que brigam entre si, desconhecendo a própria noção de identidade. É neste território no qual a poética nascente vai exaltar a esperança, que surge como resultado para sanar todos os conflitos presentes, que Paulina vai retratar Moçambique. Representando a voz desta coletividade estabelece relações ambíguas em que a literatura representa uma situação em que a literatura representa uma noção de nação (ANGÜIS, 2000:19) em que “contar a verdade é cantar o homem que amanhã vai nascer: é cantar o indivíduo que trabalha, que morre, mas que ama.”

É este amor que os autores moçambicanos indicam como uma possibilidade de sobrevivência diante do “caos” que se estabelece em Moçambique: revendo, reformulando e revalorizando os conceitos fundamentais da vida e, primordialmente, uma busca pela essência do ser. Nesta história, o amor e a morte caminham paralelamente, desvendando uma mensagem dialética de um povo precisa demonstrar como sobrevivência a um período de várias agruras, transformando esses elementos em fatores cruciais para a apresentação de uma sociedade que persiste não se entrega ao sofrimento e, simplesmente, desiste própria vida.

Irmãos: quando a dor aperta chora até à exaustão. Chora tanto que as tuas lágrimas mais as minhas lágrimas formem um rio ou um oceano. Pega nas mãos doloridas, sôfregas, trêmulas e constrói uma jangada, uma canoa, um barco com os cacos da vida esparsos à tua volta. Lança a embarcação no mar das tuas lágrimas e navega sereno até ao horizonte das estrelas. Não desperdices nunca ao calor e a força do teu pranto. É preciso não vergar. Agüentar o peso de cada hora e de cada dia que passa é o destino do homem. Mesmo na canção da dor uma estrofe de esperança. Cada dia tem a sua história.(CHIZIANE, 2000: 45)

Assim cabe salientar que *Ventos Apocalipse* retrata uma narrativa entre fronteiras, pois a autora expõe mais uma vez a tradição e a modernidade, o local e o global, o passado e o presente. Estabelece uma relação de resistência das tribos locais que conseguiram ultrapassar o período colonial, chegaram até a Independência e, finalmente, são obrigados a conviverem com uma série de conflitos regionais que deturpam o modo de olhar e, primordialmente, a forma de traçar uma auto-análise da própria noção da cultura autóctone; gerando um clima de incertezas em relação ao futuro modificando a crença na essência do ser humano e na noção de comunidade. Além desses fatores históricos, mais uma vez Chiziane refaz a partir de um eixo geográfico, a trajetória de um povo que enfrenta a seca, fortes chuvas, a fome para tentar sobreviver a agravos generalizados. Ao iniciar o romance “Karingana wa karingana” que representa o “ato de contar”, logo, desvenda este universo, através de “lamentos” que saem da alma dos africanos:

Vinde, sentai-vos no sangue das ervas que escorre pelos montes, vinde, escutai repousando os corpos cansados debaixo da figueira enlutada que

derrama lágrima pelos filhos abortados. Quero contar-vos histórias antigas.[...] Ao anoitecer, enquanto os mais velhos se requebram na chingombela, deliciar-nos-emos com o o contador de histórias, dando tempo para que papéis se amem e nos amem e nos brindem com um novo irmãozinho na próxima estação. (CHIZIANE, 2000: 15-16)

Através desta narrativa, Paulina Chiziane demonstra várias figuras emblemáticas: aprende-se a respeitar Sixpence, tornado o herói simbólico, emblemático e líder venerado desses fugitivos. Pela sua mão, desvenda-se o mundo de Minosse, a última mulher que restou ao régulo Sianga, e ouvimos as palavras sábias de Mungoni, o adivinho. E compreende-se a loucura de Emelina, a assassina dos próprios filhos. A autora pronuncia e edita certas palavras ditas por uma das personagens em absoluto desespero: «Se o homem é a imagem de Deus, então Deus é um refugiado de guerra, magro e com o ventre farto de fome. Deus tem este nosso aspecto nojento, tem a cor negra da lama e não toma banho à semelhança de nós outros, condenados da terra. O Diabo, sim, esse deve ser um janota que segura os freios da vida dos homens que sucumbem.» Com isso, traz para a narrativa o leitor que poderá julgar. E dessa forma, o leitor não consegue apagar em nenhum momento a lacuna desta narrativa que é a forte presença da esperança, mesmo com a guerra, a destruição, a morte, a humilhação e o fim, esta nunca se apagará, permanecerá para sempre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGÜIS, Fernanda. *A actual literatura em Moçambique*. Lisboa: Editora Caminho, 1998.
- CHIZIANE, Paulina. *Baladas de amor ao vento*. Lisboa: Editora Caminho, 1999.
- _____. *Ventos do Apocalipse*. Lisboa: Editora Caminho, 2000.
- PADILHA, Laura. *Entre a letra e arte*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1987.
- SANTOS, Myriam Sepúlveda dos, *Teoria da memória, teoria da modernidade*. p. 85.
- SATIER, Pedro. *Cadernos do terceiro mundo*. Ano XVI – no. 160 – Abril de 1993, Rio de Janeiro, p. 30
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro, *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX*, Vol.III. p. 17